

COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

ENTRE O DISCURSO E O VIVIDO: LA CASA DE LOS CONEJOS, DE LAURA ALCOBA¹

BETWEEN THE SPEECH AND THE LIVING: LA CASA DE LOS CONEJOS, BY LAURA ALCOBA

ENTRE EL DISCURSO Y EL VIVIDO: LA CASA DE LOS CONEJOS, DE LAURA ALCOBA

Barbara Heller²

Cristine Gleria Vecchi³

Lérica Gherardini Malagueta Marcondes de Mello⁴

RESUMO: *La casa de los conejos* (2008), de Laura Alcoba, é uma narrativa em primeira pessoa sobre a repressão e a resistência ao governo ditatorial argentino pelos Montoneros, em 1976. No contexto dos estudos contemporâneos da memória, em que a subjetividade e os relatos das experiências de vida são cada vez mais valorizados, como compreendemos o movimento de a autora buscar fontes documentais em sua narrativa? Dada a grande categorização de tipos de memória, como podemos classificar as evocações da autora? Concluímos que a busca documental confirma a necessidade de a autora sustentar, pelo registro impresso, suas lembranças individuais que também são coletivas; que seu relato testemunhal transita entre a verdade, a subjetividade, a sacralização e, finalmente, que suas memórias se encontram entre pós-memória e memória herdada, configurando uma “memória híbrida”. Beatriz Sarlo, Marcio Seligmann-Silva, Maurice Halbwachs, Michael Pollak são alguns dos nossos referenciais teóricos.

¹ O texto original foi apresentado no 27.º Encontro Anual da Compós, em junho de 2018, no Grupo de Trabalho “Memória nas Mídias”. Essa versão contempla as sugestões e acréscimos sugeridos após seu debate durante o evento. Agradecemos especialmente as contribuições de Anderson Benalia Marzinhowsky, sem as quais o artigo não teria alcançado a maturidade dos questionamentos dos conceitos e suas implicações na análise.

² <https://orcid.org/0000-0002-8997-0155>. E-mail: b.heller.sp@gmail.com

³ <https://orcid.org/0000-0003-2239-9748>. E-mail: cristinevecchi@yahoo.com.br

⁴ <https://orcid.org/0000-0002-4957-8749>. E-mail: lgmalagueta@gmail.com



Palavras-chave: *La casa de los conejos*. Memória híbrida. Sacralização.

ABSTRACT: Laura Alcoba's, *La casa de los conejos* (2008) is a first-person narrative on repression and resistance to the dictatorial Argentine government by the Montoneros, in 1976. In the context of contemporary studies of memory, in which subjectivity and stories of life experiences are increasingly valued, how do we understand the movement of the author to seek documentary sources in her narrative? Given the huge categorization of memories' types, how can we classify the author's evocations? We came to the conclusion that the search of documents confirms the author's need to sustain, by printed records, her individual memories that are also collective; that her testimony transits between truth, subjectivity, sacralization and, finally, that her memories are between post-memory and inherited memory, configuring a "hybrid memory." Beatriz Sarlo, Marcio Seligmann-Silva, Maurice Halbwachs, Michael Pollak are some of our theoretical references.

Keywords: *La casa de los conejos*. Hybrid memory. Sacralization.

RESUMEN: *La casa de los conejos* (2008), de Laura Alcoba, es una narrativa en primera persona sobre la represión y la resistencia al gobierno dictatorial argentino por los Montoneros, en 1976. En el contexto de los estudios contemporáneos de la memoria, en que la subjetividad y los relatos de las experiencias de vida son cada vez más valorados, ¿cómo comprendemos el movimiento de la autora a buscar fuentes documentales en su narrativa? Dada la gran categorización de tipos de memoria, ¿cómo podemos clasificar las evocaciones de la autora? Concluimos que la búsqueda documental confirma la necesidad de que la autora sostenga, por el registro impreso, sus recuerdos individuales que también son colectivos; que su relato testimonial transita entre la verdad, la subjetividad, la sacralización y, finalmente, que sus memorias se encuentran entre pos-memoria y memoria heredada, configurando una "memoria híbrida". Beatriz Sarlo, Marcio Seligmann-Silva, Maurice Halbwachs, Michael Pollak son algunos de nuestros referentes teóricos.

Palabras clave: *La casa de los conejos*. Memoria híbrida. Sacralización

Introdução

É pelo discurso de terceiros que os sujeitos são informados sobre o resto dos fatos contemporâneos a eles; esse discurso, por sua vez, pode estar apoiado na experiência ou resultar de uma construção baseada em fontes, embora sejam fontes mais próximas no tempo [...] (SARLO, 2007, p. 91).

Laura Alcoba é a autora e a responsável pela publicação da narrativa *La casa de los conejos* (Buenos Aires: Edhasa, 2008). Traduzida do francês (2007) para o espanhol pelo escritor e poeta Leopoldo Brizuela, também pode ser encontrada nas línguas inglesa, alemã, italiana, sérvia e árabe.

Resultado da combinação entre as memórias individuais da infância e pesquisa histórica sobre os eventos ocorridos em 1974 e 1975 na Argentina, Laura Alcoba produziu diversos títulos posteriores à *La casa de los conejos*: *Jardin blanc* (Gallimard, 2009); *Les passagers de l'Anna C.* (Gallimard, 2012); *Le bleu des abeilles* (Gallimard, 2013). O comentário a seguir, extraído do site sobre a autora, produzido pelo Ministério da Cultura, trata da obra de 2012, mas o consideramos igualmente pertinente à narrativa em análise, *La casa de los conejos*: “Contradições, dúvidas, esquecimentos fortuitos e/ou voluntários, bem como lacunas de memória desempenham papéis cruciais”⁵.

A rememoração da autora sobre o cotidiano durante a ditadura civil-militar de 1976 a 1983 é o eixo que norteia seus relatos (ROMERO, 2006, p. 160). Envoltos na atmosfera político-social de um governo que torturava e matava a quem ele se opunha, Laura Alcoba cria, décadas mais tarde, uma literatura que se aproxima do imaginário coletivo, marcado pelo medo, pela perseguição, pela intolerância e pela violência, pois compartilha os sentimentos que experimentou aos sete anos de idade, quando entrou para a clandestinidade, juntamente com seus pais, militantes dos Montoneros, organização político-militar de esquerda.

Em pleno regime ditatorial, a escrita era cifrada, mas posteriormente, com o retorno da democracia, foi possível falar mais abertamente sobre a força praticada pelo Estado que vitimou aproximadamente 30 mil pessoas, além de sequestrar cerca de 500 bebês. Os crimes cometidos nesse período compõem um capítulo traumático da história argentina e sua compreensão, apesar de dolorosa, integra os estudos sobre memória, especialmente os que, como em nosso artigo,

⁵ Ministerio de Cultura. **Laura Alcoba - Biografía. Audiovideoteca de escritores.** Buenos Aires Ciudad, 2013. Disponível em: <http://audiovideotecaba.com/laura-alcoba-biografia/>. Acesso em: 14 dez. 2017.

questionam “as aporias entre o lembrar e o esquecer e seus desdobramentos no debate entre a memória e a história” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 9).

Na Argentina tem sido recorrente a publicação de livros que discutem e descrevem a ditadura militar, particularmente pelas gerações nascidas posteriormente a ela. A esse fenômeno Marianne Hirsch dá o nome de “pós-memória”, ideia que mesmo vindo a ser retomada mais adiante no texto, refere-se à

relação da segunda geração com o poder, frequentemente traumática, das experiências que os precederam, mas que lhes foram transmitidas assim mesmo e tão profundamente, que parecem constituir suas próprias memórias, como que por direito⁶ (ALCOBA, 2008, p. 103, tradução nossa).

Também ocorre um componente “invariante” da memória quando os fatos lembrados constituem um marco na história de um grupo social, como a ditadura civil-militar na Argentina. Essa característica indica o que mais tarde Pollak denominará de “memória herdada”, como também veremos mais pormenorizadamente, na sequência de nosso artigo:

[...] devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante (POLLAK, 1992, p. 2).

Embora não se trate de entrevistas, o livro de Laura Alcoba deu forma e visibilidade à sua história vivida sobre os anos de opressão em seu país natal, como se estivesse em um diálogo interior, com um “outro” que é ela mesma.

Segundo Patrícia Kolesnikov, editora do caderno de cultura do diário argentino *Clarín*, “A ditadura é a nossa *Shoah*”⁷ (citada por EGLAU, 2010, grifo nosso), afirmação que permite compreender a permanência dos dados “invariantes” pensados por Pollak, bem como da profusão de obras produzidas nos últimos

⁶ Do original: Post memory describes the relationship of the second generation to powerful, often traumatic, experiences that preceded their births but that were nevertheless transmitted to them so deeply as to seem to constitute memories in their own right.

⁷ *Shoah*, na língua hebraica, significa Holocausto.

anos por jovens autores sobre essa época, ainda que não a tenham vivenciado, como já apontou Marianne Hirsch sobre os descendentes dos familiares que sobreviveram ao Holocausto nazifascista.

Laura Alcoba evoca os acontecimentos da sua infância a partir de uma viagem realizada em 2003 à Argentina, acompanhada de sua filha. Ao passar no endereço onde residiu por alguns meses em 1976 com sua mãe e outros companheiros militantes, em La Plata, escreve: “eu investiguei, encontrei pessoas. Comecei a recordar com muito mais precisão que antes, quando apenas contava com a ajuda do passado”⁸ (ALCOBA, 2008, p. 6, tradução nossa). Nessa mesma casa, funcionava nos fundos o jornal clandestino *Evita Montonera* e, à frente, a criação de coelhos, para desviar a curiosidade dos vizinhos e os olhares da repressão. É desse local que a autora mais evoca suas lembranças, pois foi onde provou a alegria, o medo e as consequências das severas estratégias de sobrevivência.

O imbricamento entre memória (evocações da autora), noções de temporalidade (presente e passado em constante circularidade) e historicidade (fontes documentais) que reconhecemos em *La casa de los conejos* não se confunde com a hegemonia do presente, apesar de o livro ter sido produzido recentemente sobre décadas anteriores. Como trataremos mais à frente, trata-se da percepção “de que o passado é mais rentável financeiramente que o presente e o futuro” (PEREIRA, 2015, p. 4). A ditadura argentina, transformada em produto (assim como a *Shoah*, que resultou em inúmeros filmes, documentários, livros, museus etc. ao redor do mundo), é um bom filão para a indústria editorial contemporânea naquele país.

Como se pode apreender, nos permitimos questionar se o conceito “pós-memória” pode ser aplicado em nossa análise, já que se trata de uma autora que, quase trinta anos mais tarde, ou seja, praticamente o mesmo tempo que separa uma geração da outra⁹, evoca suas memórias da menina dos sete, quando fugiu com sua mãe para a França. Como Laura Alcoba é parte integrante da nova safra de escritores que falam sobre a luta contra a ditadura argentina, leitora de obras de referência sobre os eventos e testemunha dos fatos evocados, separar o que é dela do que é aprendido e compartilhado; a sua memória da de terceiros, é tarefa improdutiva e insegura. Trata-se, em suma, da “memória coletiva”, conceito largamente difundido por Maurice Halbwachs em sua obra homônima,

⁸ Do original: [...] yo investigué, encontré gente. Empecé a recordar con mucha mas precisión que antes, cuando solo contaba con la ayuda del pasado.

⁹ Não pretendemos debater o conceito de geração, mas, para efeito de clareza, adotamos a ideia de Bauman: “As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente, não podem ser ignoradas (BAUMAN citado por FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 185).

publicada em 1950, cinco anos após sua morte, mas ainda tão atual, que nos ajuda a refletir sobre a obra da autora:

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Preferimos, portanto, assumir que *La casa de los conejos* é o resultado de um exercício de memória

sujeita a distorções, contendo real e imaginário, lembranças e esquecimentos, não sendo, entretanto, indigna de análise ou menos rica em questões, aspectos, nuances que nos apresentam desafios para a compreensão dos imaginários sociais, sentidos de temporalidades, [...] embates geracionais [...] (PEREIRA, 2015, p. 1).

É também uma narrativa de testemunho e de ficção. Trata-se, portanto, na concepção de Yuri Lotman, de um “texto da cultura”

com funções de comunicação, de geração de sentido e de memória, porque o texto condensa informações, não só recebe informações de fora dele, mas também as ocasiona, e, assim, adquire memória. Na heterogeneidade da semiosfera, o intercâmbio entre os diferentes textos pode ser concebido como dialógico (NUNES, 2014, p. 228).

A narrativa em primeira pessoa é permeada de diálogos imaginados e alguns indiretos, como o que abre o livro: “Você se perguntará, Diana, por que deixei passar tanto tempo sem contar essa história”¹⁰ (ALCOBA, 2008, p. 6, tradução nossa). Diana é a personagem com quem mais se identificou durante os meses da clandestinidade, que assume nessa narrativa o papel de uma interlocutora que nunca responde, mas ajuda a organizar o fio da memória. É para ela que Alcoba escreve, em uma tentativa de curar-se das feridas do passado, sem necessariamente se ater aos fatos como eles realmente aconteceram: “nunca haverá coincidência entre discurso e ‘fato’, uma vez que a nossa visão de mundo sempre determinará nossos discursos e a reconstrução da história” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 17).

¹⁰ Do original: Te preguntará, Diana, por qué dejé pasar tanto tiempo sin contar esta historia.

Uma narrativa literária, ainda que ficcional e descomprometida com a “verdade”¹¹, como aparenta ser a obra em análise, é uma poderosa fonte de investigação do passado, uma vez que, como “texto da cultura”, organiza a experiência do ser humano e sua interação com o *bios*, isto é, com o meio biológico, cultural e social de que faz parte. Organizado e estruturado de um modo específico, recorta e molda parte da realidade. Suas partes, quando interconectadas, passam a ter significado:

o ponto que [...] torna [o texto] cultural reside no fato de o texto moldado [...] poder ser visto ou compreendido como tal. Se essa compreensão não puder ser entendida como um texto acabado, a percepção parcial ou total estará comprometida (NUNES; MACHADO, 2015, p. 7).

Portanto, como “texto da cultura”, compreende não só seu relato, mas a experiência de todos os que se envolveram direta ou indiretamente contra a ditadura civil-militar argentina e que formam, também, a nova geração de autores. Trata-se assim, de uma intertextualidade sógnica, que tensiona a memória de todos os sujeitos inseridos nessa cultura.

Podemos associar a esse conceito o pensamento de Sarlo, segundo a qual é impossível recordar, “em *termos de experiência*”¹², fatos que não foram experimentados pelo sujeito” (2007, p. 91, grifo nosso). São lembrados porque, além de fazerem parte de um cânone (escolar, institucional, político e até familiar) constituem-se do discurso moldado de terceiros e são, portanto, semióticos e intertextuais. Laura Alcoba “experimentou” os eventos aos sete anos, mas, narrados décadas mais tarde, misturaram-se com os demais relatos, em uma espécie de ficção e de memória coletiva:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desse para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1990, p. 34).

¹¹ Beatriz Sarlo adota a maiúscula para grafar “Verdade”, mas optamos pela minúscula para todos os demais autores citados, uma vez que, para eles, o sentido do conceito é o mesmo.

¹²

Nas sociedades modernas, a história não mais necessita ser contada ao vivo pelo protagonista e ouvida simultaneamente por alguém (SARLO, 2007, p. 91-92). Inserida na cultura, é reconhecida como uma experiência “vicária”, isto é, vivenciada por outro, no lugar do outro, que a reconta por meio da linguagem.

A partir dessas considerações, buscamos analisar no presente artigo os seguintes problemas: no contexto dos estudos da memória, em que a subjetividade e os relatos das experiências de vida em primeira pessoa têm sido cada vez mais valorizados, como podemos entender o significado da busca pela autora de fontes documentais? Suas evocações, individuais e irreduzíveis (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 16), mas ao mesmo tempo integrantes da memória coletiva, podem ser consideradas pós-memória, memória herdada ou apenas memória?

Memória e subjetividade

Para Sarlo, “toda narração do passado é uma representação, algo dito *no lugar* de um fato” (2007, p. 93). Portanto, ser “vicária” é característica de toda memória, assim como a mediação. O que distingue a pós-memória das demais é “o envolvimento do sujeito em sua dimensão psicológica mais pessoal e o caráter menos profissional de sua atividade”. Em outras palavras: é a ordem da experiência subjetiva que distingue a pós-memória das demais, pois “é perpassada pelo interesse subjetivo vivido em termos pessoais” (2007, p. 94).

Já para Hirsch, a noção de pós-memória,

[...] não é um movimento, método ou ideia. Eu [a] vejo, em vez disso, como uma estrutura de transmissão intergerações ou transgerações de conhecimento e experiência traumáticos. É uma consequência da recordação do trauma, mas (diferentemente do transtorno de estresse pós-traumático) com a distância de uma ou mais gerações¹³ (HIRSCH, 2008, p. 106, tradução nossa).

Nesse artigo, questionamos se a obra de Laura Alcoba contém traços da pós-memória, apesar de a autora ter vivido aos sete anos a experiência da clandestinidade, e vestígios da memória herdada, como explica Pollak:

¹³ Do original: And yet post memory is not a movement, method, or idea; I see it, rather, as a structure of inter- and trans-generational transmission of traumatic knowledge and experience. It is a consequence of traumatic recall but (unlike posttraumatic stress disorder) at a generational remove.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer (POLLAK, 1992, p. 2).

É certo que Laura Alcoba testemunhou os eventos que narra, mas também parece ser provável que os “viveu por tabela”, uma vez que seu ambiente familiar foi constituído pela experiência militante de seus pais e pelo apoio logístico e emocional de seus avós antes do exílio. Novamente recorremos ao mesmo texto de Pollak no qual emprega a palavra “transferência” para relativizar a verdade do relato de jovens testemunhas anos mais tarde aos eventos narrados:

Numa série de entrevistas que fizemos sobre a guerra na Normandia, que foi invadida em 1940 pelas tropas alemãs e foi a primeira a ser libertada, encontramos pessoas que, na época do fato, deviam ter por volta de 15,16,17 anos, e se lembravam dos soldados alemães com capacetes pontudos (*casques à pointe*). Ora, os capacetes pontudos são tipicamente prussianos, do tempo da Primeira Guerra Mundial, e foram usados até 1916, 1917. Era, portanto, uma *transferência* característica, a partir da memória dos pais, da ocupação alemã da Alsácia e Lorena na Primeira Guerra, quando os soldados alemães eram apelidados de “capacetes pontudos”, para a Segunda Guerra. Uma transferência por herança, por assim dizer (POLLAK, 1992, p. 2, grifo nosso).

Traumatizada pelo assassinato de Diana, com quem mais se identificou nos momentos de maior medo, de sua filha e de seus pais, Laura Alcoba buscou compreender, quase uma geração mais tarde, o que se passara, buscando nos vestígios de sua memória e nos documentos oficiais, alívio para sua própria dor. Além disso, essa autora corresponde ao protocolo das “dimensões da lembrança”, assim classificada pelo escritor argentino Martín Kohan:

[...] primeiro falou-se sobre as experiências das vítimas, depois sobre a vitimização da sociedade e sobre aqueles que sofreram diretamente as consequências do regime criminoso, bem como dos parentes dos desaparecidos (citado por EGLAU, [2010]).

Martín Kohan prossegue, afirmando que mais tarde surgiu uma nova dimensão da lembrança com o “aparecimento de uma literatura acerca do movimento revolucionário dos anos 1960 e 1970, que antecedeu o golpe militar” (citado por EGLAU, [2010]). Ainda para ele, os escritores contemporâneos reconhecem que a sociedade argentina, além de vítima, também foi cúmplice das atrocidades. Durante a ditadura, “o perigo rondava o conhecimento” (SARLO, 2005, p. 42).

À época, havia uma divisão dicotômica entre os cidadãos argentinos: os amigos e os inimigos do regime. Calados, ambos os grupos, por muitos anos, apenas com o advento da transição democrática, em 1983, puderam oscilar “entre uma relação intermitente de esquecimento e recordação” (SARLO, 2005, p. 42).

Coube à nova geração de autores a guinada à recordação, mas para Sarlo, “não foi a condição de *filhos*, mas a de jovens intelectuais que definiu sua relação com o passado em que os pais tinham vivido” (2007, p. 103, grifo nosso). Mais ainda: alguns “filhos dos jovens de 1960, muitos deles militantes desaparecidos e assassinados pelo terrorismo de Estado, tomam diante do passado dos pais posições bem diferentes” (2007, p. 104).

Tal afirmação nos remete novamente à discussão sobre subjetividade, já apontada anteriormente. Ela desponta na Argentina com a redemocratização, iniciada com a eleição de Raúl Alfonsín, em 1983, seguida pela de Carlos Menem, em 1989. Nessa época, as narrativas de memória assumiram a tarefa de “recuperar o que foi perdido pela violência do poder” (SARLO, 2007, p. 42). Essa tendência foi caracterizada pela autora como uma “guinada subjetiva”: “a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma nova dimensão subjetiva” (SARLO, 2007, p. 18).

É nesse contexto que Laura Alcoba estrutura sua narrativa em primeira pessoa, permeada, ainda, de ambiguidade identitária, pois trata de suas experiências na cidade de La Plata, mas não as redige em espanhol e, sim, em francês. Podemos, assim, supor que por ter vivenciado o exílio desde a tenra infância, quando foge para a França aos sete anos, sente-se mais confortável e aconchegada na língua do país que a acolheu, em detrimento da materna, carregada de sentimento de perda e opressão. No entanto, *La casa de los conejos* integra-se a essa nova geração de jovens autores que tratam sobre as atrocidades cometidas pelo governo argentino durante os anos 1970, ainda que Laura Alcoba transpareça, por sua escolha linguística, ser mais francesa que argentina.

Na introdução da obra, deixa pistas de que sua subjetividade é impulsionada por um “esforço de memória”, uma promessa feita para si mesma, prevista para ser cumprida apenas na velhice. Mas, premida pela necessidade de lembrar dos

caídos na luta e também dos que a ela sobreviveram, antecipa em décadas o projeto e publica a obra inicialmente em língua francesa, aos 39 anos de idade¹⁴.

No percurso de seu testemunho, evoca excertos de sua infância, como o que abre a narrativa: a mudança para a casa nova, com telhas vermelhas e um jardim, afastada do centro. Essa lembrança, tão particular, antecipa os sentimentos que descreve a seguir, mostrando ao leitor que se trata de uma história de vida impregnada de sensações e de imprecisões originadas na infância, mas ressignificadas na vida adulta.

“Narrar se tornou imperioso”, escreve a autora, pois também era preciso “ao cabo, de uma vez, esquecer um pouco”¹⁵ (ALCOBA, 2008, p. 6-7, tradução nossa). A narrativa como cura, objeto de reflexão de Walter Benjamin, parece justificar a escrita da autora:

[...] a narração não criaria, muitas vezes, o clima apropriado e a condição mais favorável de uma cura? Não seria toda doença curável se ela se deixasse levar pela correnteza da narração até a foz? Se considerarmos a dor uma barreira que bloqueia a corrente da narração, podemos ver claramente que ela se quebra quando o declive é suficientemente acentuado para arrastar tudo que encontra em seu caminho em direção ao oceano do venturoso esquecimento (BENJAMIN, 2002, p. 115-116).

A barreira da dor provocada pelo silêncio teve início na tenra infância, quando aprende os perigos da clandestinidade: “Eu já sou grande, tenho sete anos [...]. A mim já explicaram tudo. Eu compreendi e vou obedecer. Não vou dizer nada”¹⁶ (2008, p. 11, tradução nossa).

A narrativa que constrói, depois de rompido o silenciamento involuntário, é volumosa em lembranças. A transcrição de diálogos com riqueza de detalhes, como testemunha de seu passado, é assim justificada por Sarlo:

O discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; justamente por isso também é atribuído a ele um efeito reparador da subjetividade. É esse aspecto que salientam

¹⁴ A versão em língua espanhola é publicada um ano mais tarde, em 2008.

¹⁵ Do original: Al cabo, de una vez, olvidar un poco.

¹⁶ Do original: Yo ya soy grande, tengo siete años [...]. A mí ya me explicaron todo. Yo he comprendido y voy a obedecer. No voy a decir nada.

as apologias do testemunho como ‘cura’ de identidades em perigo. De fato, a atribuição de um sentido único à história e a acumulação de detalhes produzem um modo realista-romântico em que o sujeito que narra atribui sentidos a todo detalhe pelo próprio fato de que ele o incluiu em seu relato; e, em contrapartida, não se crê obrigado a atribuir sentidos nem a explicar as ausências, como acontece no caso da história. O primado do detalhe é um modo realista-romântico de fortalecimento da credibilidade do narrador e da veracidade de sua narração (SARLO (2007, p. 51).

As evocações de Alcoba deveriam ser irrefutáveis, uma vez que “cada pessoa é *testemunha*¹⁷ de sua própria existência” (TODOROV, 2002, p. 151, grifo nosso). Consequentemente, ninguém deveria duvidar dos relatos testemunhais “que valem por sua própria existência e não pela realidade à qual remetem” (TODOROV, 2002, p. 151). No entanto, quando busca nas fontes documentais a comprovação de seu relato, Laura Alcoba distancia-se do papel de testemunha e aproxima-se do de historiador, que “embora humano, portanto falível [...] tem um traço distintivo: na medida de suas possibilidades, ele procura estabelecer aquilo que julga ser a verdade em sua alma e consciência” (TODOROV, 2002, p. 152).

Memória e verdade

Se considerarmos a narrativa de Alcoba como de testemunho, o estatuto da verdade ganha outra dimensão: não se trata mais da “correspondência exata entre o discurso presente e os fatos passados”, mas de “uma verdade de *elucidação*, que permite apreender o sentido de um acontecimento” (TODOROV, 2002, p. 144).

Como já apresentamos anteriormente, os limites que separam o ficcional do factual em *La casa de los conejos* é tênue, assim como o tempo presente do passado. Para Fontes (2015, p. 14), a autora “situa seu texto em um entre-lugar entre passado e possível, colocando a ação da narrativa menos como elaboração de uma sequência coerente e mais como a postulação de uma possibilidade”.

Para Beatriz Sarlo, os relatos em primeira pessoa são os que demandam maior confiança e, ao mesmo tempo, os que são menos frequentemente submetidos à comparação com outras fontes:

17

[...] a primeira pessoa tem um direito e uma capacidade impositiva, de presença, que faltam à terceira pessoa. Diferentemente do eu de um testemunho, cuja relação com os fatos é difícil de pôr em dúvida (deveria se demonstrar, por exemplo, que se trata das memórias de um vigarista) e em que é preciso muita desconfiança ou má-fé para discutir suas asserções (SARLO, 2007, p. 88).

Podemos perceber que Todorov e Sarlo discordam quanto ao aspecto da verdade nos relatos de testemunhos. Para o primeiro, “cada pessoa é testemunha de sua própria existência, cuja imagem ela constrói omitindo certos acontecimentos, retendo outros, deformando ou acomodando outros ainda” (TODOROV, 2002, p. 151). Já para a segunda, o testemunho transformou-se “em um ícone da Verdade e, o mais importante, para a reconstituição do passado” (SARLO, 2007, p. 19).

Seja como construção parcial e moldada das lembranças (TODOROV), seja como uma versão fidedigna do passado (SARLO), concordamos com o pensador búlgaro quando afirma que “as duas posturas são complementares” (TODOROV, 2002, p. 154). Isso quer dizer que, dependendo da situação, pode-se ora privilegiar “a vivência dos agentes” (as testemunhas), ora a relação entre as consequências dos atos e das palavras (os historiadores).

Para Sarlo, no entanto, a relação do testemunho com a verdade aponta para duas vias contraditórias, aplicáveis em *La casa de los conejos*: enquanto a primeira pessoa tem propriedade para reconstituir um fato, por outro, também podem ocorrer problemas na atribuição de verdade à experiência. “A própria ideia de verdade¹⁸ é um problema” afirma (SARLO, 2007, p. 117). Isso porque, ao relatar a infância na clandestinidade, Laura Alcoba produz um resultado ao mesmo tempo pessoal e social. Pessoal, porque sua memória é autônoma; social, porque essa mesma memória não está isolada, mas inserida em um universo cultural (PERALTA, 2007, p. 19).

Fontes afirma que Alcoba descompromete-se com a verdade, uma vez que adota a perspectiva infantil, anunciada no Prólogo, resultando “em problematização do ponto de vista do contraste entre a visão da narradora criança e da narradora já adulta (FONTES, 2015, p. 15). Discordamos de sua afirmação, pois, em nossa perspectiva, o último parágrafo do prólogo de Alcoba (2008, p. 7, tradução nossa): “[...] se ao fim faço este esforço de memória para falar da Argentina dos Montoneros [...]”

¹⁸ Nesse excerto, a autora grafou em minúscula a palavra “verdade”.

desde o auge da minha infância”¹⁹, reforça a retomada das memórias da infância a partir do viés adulto. Fontes (2015), no entanto, acerta quando anuncia o conflito tão bem colocado por Sarlo (2007, p. 23): “Qual relato tem condições de esquivar a contradição entre a firmeza do discurso e mobilidade do vivido? Ou em outras palavras: a experiência se dissolve ou se conserva no relato?”

Sarlo continua seu raciocínio e afirma que graças à reconstituição da violência cometida pelo Estado pelas vítimas-testemunhas, foi possível reconstituir os crimes e condenar seus agentes. Seligmann-Silva (2003, p. 31) reconhece que a “narrativa testemunhal é marcada por um *gap* entre o evento e o discurso” e que o “simbólico não pode dar conta do ‘real’”. Para Ricouer, continua aberto o conflito entre memória e verdade, ou seja, entre memória e história, reforçada por documentos oficiais:

Continua, portanto, aberta à questão da concorrência entre a memória e a história na representação do passado. À memória resta a vantagem do reconhecimento do passado como tendo sido o que não é mais; à história aparece o poder de expandir o olhar no espaço e no tempo, a força da crítica na ordem do testemunho, da explicação e da compreensão, a matriz retórica do texto e, acima de tudo, o exercício de equidade em relação às reivindicações concorrentes das memórias feridas e, por vezes, cegas à infelicidade alheia. Entre o caminho da fidelidade da memória e o pacto de verdade em história, a ordem da prioridade é de impossível decisão. Apenas está apto a resolver tal debate o leitor e, dentro do leitor, o cidadão (RICOUER, 2008, p. 348).

Ainda segundo Seligmann-Silva (2003, p. 32), a “política da memória” na América do Sul adquire um peso mais político e partidário que cultural. Para ele, essa diferenciação começa com Cuba, quando passou a recontar sua história a partir do ponto de vista dos excluídos do poder e da economia, com a criação da revista *Casa de Las Américas*, em 1970.

Seja como cultura, seja como partidária, é consensual entre os teóricos que a memória é um campo de conflitos entre a narração do passado e a constituição do presente e que não existe “a verdade”. No livro em análise, podemos considerar que Laura Alcoba constrói, a partir de suas lembranças e dos relatos de sua geração, “uma” verdade, a da experiência vivida aos sete anos e relatada

¹⁹ Do original: Si al fin hago este esfuerzo de memoria para hablar de la Argentina de los Montoneros [...] desde la altura de la niña que fui. Fontes parece ter entendido a expressão “desde la altura de la niña que fui” como “a partir do ponto de vista da criança que fui”.

aos 39, mas que não é exclusiva, pois concordamos com Seligmann-Silva quando afirma: “o que importa aqui é a verdade do sujeito testemunhal compreendido como sujeito coletivo” (2003, p. 37).

Banalização e sacralização

A “preocupação compulsiva com o passado” no final do século XX levou Tzvetan Todorov a questionar se se tratava de uma boa causa. Para ele e para o analista americano Philip Gourevitch, quando questionado sobre o Museu do Holocausto em Washington, nem sempre ser posto diante de uma barbárie se constitui em um antídoto contra ela (TODOROV, 2002, p. 190). Ao contrário: ao longo do capítulo quatro, “As utilizações da memória”, Todorov (2002, p. 191) desenvolve a ideia de que “a ‘memória’ não é boa nem má. Os benefícios que se espera extrair dela podem ser neutralizados e até desvirtuados”.

Isso ocorre por meio de dois processos: a sacralização e a banalização da memória. O primeiro caracteriza-se pelo afastamento que particulariza o acontecimento, mas nem por isso o isola de outros semelhantes. É o caso, por exemplo, da escravização dos africanos, dos horrores do *Gulag*, dos que padeceram nos campos nazistas (TODOROV, 2002, p. 191): “Além de um certo limiar, não importa que os crimes dessa natureza continuem específicos: eles se juntam no horror sem nuances que suscitam e na condenação absoluta que merecem” (2002, p. 191). Embora pareça paradoxal, Todorov (2002, p. 191) assim explica a sacralização da memória: “Quanto mais numerosas são essas relações, mais particular (ou singular) se torna o fato”.

Não é fácil entender esse conceito, uma vez que “sacralização”, no senso comum, costuma denotar um fato bom, que enleva o possuidor da memória e seu objeto. No caso em análise, *La casa de los conejos* se desenvolve, em termos diegéticos²⁰, durante o período ditatorial, caracterizado pelo cerceamento aos direitos aos cidadãos, pela violência, morte e perseguições aos seus opositores. Esse contexto não apresenta, portanto, nenhum sentido positivo, mas seu contrário.

Já a banalização caracteriza-se pela assimilação abusiva do presente para o passado, perdendo toda a sua especificidade. Novamente citamos as palavras de Todorov (2002, p. 193): “Quando se usa o termo ‘nazista’ como simples sinônimo de ‘infame’, todas as lições de Auschwitz se perdem”.

²⁰ Entendemos por diegese o conjunto de acontecimentos narrados em uma determinada dimensão espaço-temporal.

Laura Alcoba produz uma narrativa sacralizada: baseada nas recordações de infância individuais e sociais reitera suas especificidades, trata-as como únicas e intocáveis, mas ao mesmo tempo associa-as com outros textos da cultura – a literatura de sua geração, livros históricos, textos de jornal e contos do cânone universal. Em outras palavras: a autora resiste à banalização advinda da indústria editorial, pois constrói um novo texto da cultura, no qual combina sua experiência particular com a experiência coletiva do passado traumático de duas gerações – de seus pais e a sua.

Ao tomar contato com o livro *Los del 73; Memoria montonera*, de Gonzalo Leonidas Chaves e Jorge Omar Lewinger, apresentado por seu pai, a autora revela ter buscado diretamente as páginas finais, sobre as quais ele já havia comentado. É lá que se depara com o trecho que detalha a queda por meio de uma notícia extraída do jornal *La Gaceta*, de 25 de novembro de 1976. As informações são precisas: o enfrentamento policial teve início pouco antes das 13h40 e cessou por volta das 16h55, com o disparo de um morteiro. Quando a polícia invadiu a casa, deparou-se com sete cadáveres – um deles o corpo de Diana – e outros três corpos carbonizados.

Esse relato é reproduzido ao final da obra, como se Alcoba quisesse não apenas reforçar a verdade de suas lembranças, mas também completar as lacunas da memória individual. Ao tomar conhecimento de que uma das crianças do grupo sobrevivera porque se ausentara naquele dia fatídico, escreve: “Imagino que as demais pessoas assassinadas se encontravam ali em reunião” (2008, p. 84, tradução nossa)²¹.

Ao começar a compreender que o esconderijo deve ter sido denunciado, lembra-se, em um lampejo, da referência ao conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe. Era um dos preferidos do “Ingeniero”, responsável, na época da militância, pela transformação da gráfica clandestina em uma casa de criação de coelhos, invisível para a repressão. Ao ler o mesmo conto trinta anos mais tarde, imagina ter sido ele o provável delator:

Desde a releitura desta passagem escuto a voz do engenheiro enunciando as palavras de Dupin [personagem de Poe] e, apesar de ser contra a minha vontade, volto de vez em quando a imaginar os militantes montoneros que acreditavam se proteger exigindo que se escondesse por baixo de um cobertor antes de chegar à casa dos coelhos [...]. (ALCOBA, 2008, p. 88, tradução nossa).²²

²¹ Do original: Imagino que las demás personas asesinadas se encontraban allí en reunión.

²² Do original: Desde que releí este pasaje escucho la voz del ingeniero enunciando las palabras de Dupin y, aun contra mi voluntad, vuelvo una y otra vez a imaginar a los militantes montoneros que creían protegerse exigiéndole que se ocultara bajo a una frazada antes de llegar a la casa de os conejos [...].

Suas lembranças não são de ódio, mas intensas. Para Todorov (2002, p. 141), “a carga emotiva de tudo o que se liga ao passado totalitário é imensa”. O esforço de Laura Alcoba – lembrar para esquecer – é marcado por mais este paradoxo – nomear X silenciar: “Não existem palavras para a emoção que me invadiu quando descobri, em cada coisa recordada, as marcas da morte e da destruição” (2008, p. 85).

As considerações acima procuraram compreender os dois conceitos de Todorov em um contexto de trauma, lembrança e esquecimento. Embora em nossa análise fiquem distintos, nem sempre é assim: “Às vezes até, paradoxalmente, sacralização e banalização andam juntas, como quando os responsáveis pelo museu do holocausto em Washington proibiram que Yasser Arafat o visitasse, sob pretexto de que ele era um ‘Hitler reencarnado’ (...)” (2002, p. 194).

Considerações finais

Como bem comenta Fontes (2015, p. 13), “é preciso transformar o indizível, o trauma, em narração, para que este possa ser dominado”. Dedicado a Diana, Laura Alcoba percorre os eventos que a marcaram profundamente nos poucos meses que precederam seu exílio à França, em 1976, “para esquecer um pouco” (ALCOBA, 2008, p. 7).

Transformada em autora, Laura Alcoba abandona o papel de menina e vítima por meio das palavras que seleciona enquanto evoca e registra suas memórias em livro, em um constante conflito entre lembrar/esquecer; banalizar/sacralizar; escrever/silenciar; subjetividade/objetividade. Ao recorrer ao material impresso (livro e imprensa), legitima suas evocações e garante, assim, seu lugar no rol dos autores que alimentam a atual indústria editorial argentina.

No entanto, a vida que conheceu nos meses de clandestinidade, muito mais instável e intensa do que o registro impresso, remete-nos outra vez ao pensamento de Sarlo, adaptado no título do nosso artigo: “Que relato da experiência tem condições de esquivar a contradição entre a *firmeza* do discurso e a *mobilidade* do vivido?” (2007, p. 23).

La casa de los conejos é uma narrativa linear, plena de subjetividades, que parece transitar entre verdade e ficção, documentos históricos e memória individual ou coletiva. Talvez sejam essas características que a tornam tão representativa dessa nova geração de autores, mas diferentemente dos demais, não se encaixa plenamente nem como “pós-memória” nem como “memória herdada”. Trata-se de uma memória que tem apenas pontos de contato com ambas: com a primeira, porque é produzida em um intervalo de tempo que corresponde a uma geração;

com a segunda, porque não ficou imune à memória de sua própria família com quem cresceu, viveu e que pode lhe ter transmitido recordações “por tabela”.

A narrativa de Laura Alcoba e seu exercício de memória, portanto, ainda carece de categorização. Talvez possamos pensar que se trata de uma “memória híbrida”, conceito ainda provisório, mas no qual reconhecemos ora distanciamentos, ora aproximações com as memórias das gerações que a precederam, em constante contato com as contemporâneas que, por sua vez, se mesclam com as da sua infância e com os documentos oficiais.

Sua obra não banaliza os duros anos da ditadura civil-militar argentina, mas a sacraliza, pois, transformada em produto editorial, colabora para que a história seja (re)conhecida pelos mais diversos leitores e ainda alimenta a lucrativa indústria dos livros com temática política.

Mesmo que Todorov e Sarlo pareçam divergir em alguns momentos, foi por meio do diálogo entre esses dois teóricos e da compreensão da narrativa como texto da cultura e transitando entre pós-memória e memória herdada, que pudemos inserir *La casa de los conejos* como *corpus* relevante para nossa análise. Sígnico e em relação permanente com todos os outros textos que circulam no *semion*, geram sentidos variados, em constante construção.

Referências

ALCOBA, Laura. **La casa de los conejos**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008.

BENJAMIN, W. Narrativa e cura. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, v. 35, n. 64/65, p. 115-116, 2002.

EGLAU, Victoria. “Memória” é tema central da literatura argentina na Feira de Frankfurt. Notícias/Cultura, **DW**, [S. l.], 24 set. 2010. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/mem%C3%B3ria-%C3%A9-tema-central-da-literatura-argentina-na-feira-de-frankfurt/a-6043627>. Acesso em: 18 jan. 2018.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 185-204, ago. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003-&lng=pt&nrm-iso. Acesso em: 22 jan. 2018.

FONTES, Izabel Santa Cruz. Memória, ficção e trabalho de luto em *La casa de los conejos*. **Revista Confluências Culturais**. [S. l.] v. 4, n. 2, p. 9-19, set. 2015. <https://doi.org/10.21726/rccult.v4i2.140>

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HIRSCH, Marianne. The generation of postmemory. **Poetics Today**, Tel Aviv, IL, n. 29, v. 1, p. 103-128., mar. 2008. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/poetics-today/article/29/1/103/20954/The-Generation-of-Postmemory>. Acesso em: 23 jan. 2018. <https://doi.org/10.1215/03335372-2007-019>

MINISTERIO DA CULTURA. (Brasil). **Laura Alcoba** - Biografia. Audiovideoteca de escritores. Buenos Aires Ciudad. 2013. Disponível em: <http://audiovideotecaba.com/laura-alcoba-biografia/>. Acesso em: 14 dez. 2017.

NUNES, Leandro e MACHADO, Irene. Manipulação da imagem humana: texto de cultura a partir do ambiente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 28., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0020-1.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2018.

NUNES, Mônica R. F. A emergência da cena cosplay nas culturas juvenis. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 41, n. 41, p. 218-235, jul. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/significacao/article/view/79000/86415>. Acesso em: 14 fev. 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2014.79000>

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória**, [S. l.], n. 2 (Nova Série), p. 4-23, 2007.

PEREIRA, Simone Luci. **Temos nosso próprio tempo: memória, temporalidade, consumo e imaginários juvenis sobre a década de 1980**. 2015. Disponível em: <http://memorial-doconsumo.espm.br/2015/01/15/temos-nosso-proprio-tempo-memoria-temporalidade-consumo-e-imaginarios-juvenis-sobre-a-decada-de-1980/>. Acesso em: 07 fev. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: www.pgdf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf. Acesso em: 21 jun. 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/ UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**: indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

Dados das autoras:

Barbara Heller – b.heller.sp@gmail.com

Professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (PPGCOM-Unip). Pós-Doutorado em Comunicação pela Universidade Metodista e Doutorado em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas.

Cristine Gleria Vecchi – cristinevecchi@yahoo.com.br

Doutoranda e Mestra em Comunicação Social pela Universidade Paulista (PPGCOM-Unip).

Lérida Gherardini Malagueta Marcondes de Mello – lgmalagueta@gmail.com

Professora e coordenadora pedagógica da Universidade Paulista. Doutoranda e Mestra em Comunicação pela Universidade Paulista (PPGCOM-Unip).

Endereço das autoras:

Universidade Paulista, Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Rua Dr. Bacelar,1.212

Vila Clementino

04.026-002 – São Paulo (SP) – Brasil